

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

103

INSCRIÇÕES 456 - 459



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
2012

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Arqueologia e Artes
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



ARA A JÚPITER DE AÇORES (CELORICO DA BEIRA)
(*Conventus Emeritensis*)

Identificada em Maio de 2009, na sequência de uma informação do Sr. Carlos Abel, Presidente da Junta de Freguesia de Açores, a ara foi encontrada na aldeia de Açores, há cerca de 20 anos, aquando da abertura de um poço no quintal da casa de seus pais, onde actualmente se conserva. No local do achado, situado na Rua do Adro, junto à igreja matriz, são ainda visíveis, à superfície, escassos vestígios da época romana, denunciados sobretudo pela presença de alguns fragmentos de *tegulae*.

De granito de grão fino, alisado e trabalhado nas quatro faces, o monumento epigráfico exhibe uma molduração simples de tipo clássico e, à excepção do capitel, encontra-se em bom estado de conservação, apresentando apenas ligeiras escoriações nas arestas do fuste e cantos da base. Bastante danificado, o capitel, tendo em conta o que se conserva, possuiria toros laterais, pequenos frontões triangulares nas faces anterior e posterior e um *foculus* central de formato circular ou ovalado. A separação entre o capitel e o fuste é feita por um friso simples de cantos arredondados, ao que se segue uma ranhura e uma gola encurtada, que efectua a transição entre a largura ostentada pelo capitel e pelo fuste. A moldura de base é praticamente igual à anteriormente descrita, embora disposta pela ordem inversa, o que confere à ara uma silhueta bastante simétrica e equilibrada. Quanto ao fuste, muito simples, não possui decoração lateral, nem moldura a delimitar o campo epigráfico.

Dimensões: 56,5 x 32,1/26,4/32,5 x 30,5/23,7/30.
Campo epigráfico: 29,2 x 26,4.

PRO · SAL(ute) / ET · REDIT(u) / G(aii) · SILI · CEL/
SI · ARRVTIA / ⁵ CLARA · IOVI / O(ptimo) · M(aximo) ·
V(otum) S(olvit)

*Pela saúde e regresso de Gaio Sílio Celso. Arrúncia Clara
cumpru o voto a Júpiter Ótimo Máximo.*

Altura das letras: l. 1: 4,3; l. 2: 4,2 (R = 4,5); l. 3: 4; l. 4:
4/4,3; l. 5: 3,9/4,2; l. 6: 3,8/4,3. Espaços: 1: 0,5/1; 2 e 3: 0,6; 4:
0,7; 5: 0,9; 6: 1; 7: 0,7.

A inscrição apresenta-se de certo modo ordenadamente
paginada, uma vez que segue um mesmo eixo central de simetria
(exceptuando a última linha, alinhada à esquerda) e faz o
máximo aproveitamento do campo epigráfico, mantendo uma
certa regularidade na distribuição do texto (apenas por uma vez
houve necessidade de recorrer à translineação), assim como na
dimensão das letras e espaços interlineares.

Os caracteres, em letra capital actuária, mostram uma
certa irregularidade no traço, apresentando alguns contornos
particulares que, no entanto, podemos encontrar patentes noutras
inscrições da região. Os RR, gravados a partir do P, possuem a
pança muito exígua e a perna segura àquela; os OO são circulares,
mas de traçado irregular, e a partir deles desenharam-se o G e
os CC; os SS, curtos, apresentam a ponta inferior prolongada
praticamente até meia altura da letra; os AA, à excepção do
primeiro, estão ligeiramente inclinados para a esquerda; os
EE possuem travessões iguais; os LL têm barras curtas, por
vezes quase imperceptíveis; e os II não possuem terminações
horizontais. Os VV foram traçados de forma heterogénea e os TT
exibem uma grafia muito pouco cuidada.

A irregularidade do traçado de algumas letras e, sobretudo,
o profundo desgaste do campo epigráfico colocam alguns
problemas de leitura, particularmente no que concerne à forma
do gentílico presente na terceira linha: se numa primeira leitura
(observável também em algumas fotografias) lemos SILI e não
CILII, uma posterior observação da pedra parecia aconselhar

antes a segunda opção; voltámos, porém, à hipótese inicial, tendo em conta a representatividade dos nomes, como veremos.

Quanto à pontuação, que assume aqui a forma de pequenos pontos, foi utilizada de forma regular na separação das palavras e abreviaturas.

A inscrição corresponde, portanto, a um altar consagrado a Júpiter, que, como habitualmente se verifica, vem identificado como *I(ovi) O(ptimo) M(aximo)*.

O culto a esta divindade parece ter-se difundido justamente pelas regiões de ambiente marcadamente rural e indígena, sendo extremamente frequente no interior norte da Lusitânia¹ – área em que se inscreve a actual povoação de Açores. Várias das dedicatórias conhecidas parecem surgir associadas aos principais espaços de culto das *civitates* desta região. As populações indígenas, por sua vez, quer a título particular, quer enquanto habitantes de um *vicus*, *castellum* ou *civitas*,² parecem ter recorrido a este culto como forma de expressarem publicamente a sua adesão e fidelidade à nova ordem imperial.

A fórmula *pro salute (et reditu)* tem surgido epigraficamente associada à figura do imperador que expressamente se

¹ Efectivamente, na actual região da Beira Interior, Júpiter constitui a divindade com maior número de dedicatórias conhecidas, surgindo – a contar com a inscrição em estudo – em 35 epígrafes, cerca de metade das que se conhecem dedicadas a divindades clássicas: cf. Fernanda Cristina Repas, *Religião na Beira Interior ao Tempo dos Romanos (Subsídios para o seu Estudo)*, FLUC, Coimbra, 2001 (Dissertação de Mestrado em Arqueologia, policopiada), Quadros-síntese 1 e 2 (= Repas, 2001); e Ana Marques Sá, *Civitas Igaeditanorum: os Deuses e os Homens*, Idanha-a-Nova, 2007, p. 42-44. Com a ara de Açores, são já 9 os testemunhos do culto a Júpiter nas regiões norte e centro do distrito da Guarda, dois dos quais provenientes dos concelhos vizinhos de Fornos de Algodres (freguesia de Fornos de Algodres) e Guarda (freguesia de Arrifana) (Repas, 2001, Quadro-síntese 2).

² Luís Fernandes; Maria do Céu Ferreira; Marcos Osório e Manuel Sabino Pe-restrelo, “*Vicus e Castellum na Provincia Lusitania: notas epigráficas e arqueológicas*”, *Conimbriga*, 45, Coimbra, 2006, p. 178 (= Fernandes *et alii*, 2006). Neste contexto e relativamente próximas do achado em estudo, encontram-se as inscrições dedicadas a *I. O. M.* pelos *vicani* de *Segoabonca*, situada muito possivelmente na Quinta do Campo – Meda/Trancoso (Fernandes *et alii*, 2006, p. 170 e 182-185) e pela *Civitas Cobelcorum*, localizada na Torre de Almofala – Figueira de Castelo Rodrigo (Helena Frade, “Ara a Júpiter da *civitas Cobelcorum*”, *Ficheiro Epigráfico*, 58, Coimbra, 1998, n.º 266).

homenageia.³ Neste caso, porém, a expressão *pro salute* não surge associada a uma dedicatória imperial.⁴ Esta ara a Júpiter foi dedicada a um indivíduo por uma mulher (talvez sua esposa), no quadro de uma manifestação de devoção religiosa de carácter privado, pois, pese embora a formulação dos votos perpetuados por esta epígrafe pudesse ter constituído um acto público – pelo facto de ter ocorrido num espaço religioso de acesso público –, são particulares as personagens envolvidas.

A estrutura onomástica parece revelar que estamos na presença de cidadãos: Gaio Sílio Celso surge identificado com os característicos *tria nomina*, enquanto a dedicante, Arrúncia Clara, como a regra impõe, não usa *praenomen*. Quanto à antroponímia, encontra-se relativamente bem documentada na Hispânia: *Gaius* trata-se de um dos prenomes mais utilizados nesta região do Império;⁵ *Silius*, como gentílico, também surge representado no espaço peninsular;⁶ e o *cognomen Celsus*, apesar de menos

³ Nesta área da Lusitânia, a inscrição da Meimoa (Penamacor), na qual os vicanos de *Venia* invocam a saúde do Imperador Trajano na consagração de um *campus* (Fernando Patrício Curado, “Epigrafia das Beiras”, *Conimbriga*, 18, Coimbra, 1979, p. 146), talvez seja a epígrafe mais conhecida que apresenta a expressão *pro salute* associada a uma dedicatória imperial.

⁴ O mesmo parece ocorrer na inscrição de Centum Celas, onde uma expressão similar é utilizada também por um indivíduo que se identifica com os *tria nomina* (Lúcio Cecílio Viator) quando pede para o *vicus* o favor dos deuses: cf. Carla Ferraz, “Conjunto de oito aras provenientes do *lararium* de *Centum Celas*”, *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa* (Catálogo da Exposição, Ribeiro, J. C. coord.), Lisboa, 2002, p. 467-469.

⁵ Juan Abascal Palazón, *Los Nombres personales en las Inscripciones Latinas de Hispania* – Anejos de Antigüedad y Cristianismo, 2, Murcia, 1994, p. 28 (= Abascal Palazón, 1994).

⁶ *Cilius*, por sua vez, é um antroponímico extremamente popular na região lusitana-vetona e na galega, mas como cognome e não como *nomen*, de que só se conhece um testemunho arrolado por Abascal Palazón: J. Untermann, *Elementos para un Atlas Antroponímico de la Hispania Antigua* – *Bibliotheca Praehistorica Hispana*, 7, Madrid, 1965, p. 100-101 e mapa 35; M. Lourdes Albertos Firmat, “Los antroponímicos indígenas de las inscripciones romanas de la región de Penamacor”, *Actas e Memórias do I Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor*, Penamacor, 1982, p. 54; Abascal Palazón, 1994, p. 111 e 328; e Milagros Navarro Caballero e José Ramírez Sádaba (coord.), *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida/Bordéus, 2003, p. 143-144 e mapa 91 (= Navarro Caballero e Ramírez Sádaba, 2003). O cognome *Cilius* encontra-se inclusivamente registado numa outra ara do concelho de Celorico

comum na Lusitânia, é também bastante vulgar na Península Ibérica⁷. Os nomes da dedicante – *Arruntia* e *Clara* –, embora sejam notoriamente menos frequentes que os anteriores, estão igualmente presentes na Hispânia, em especial na província da Lusitânia⁸. Os antropónimos referenciados, a ser assim, são, na sua totalidade, latinos, o que não invalida que consideremos Gaio Sílio Celso como um indivíduo de origem autóctone, podendo mesmo ser natural do povoado existente em Açores ou de outro localizado nas proximidades.

A descoberta desta ara a Júpiter no interior da aldeia de Açores vem reforçar a importância anteriormente atribuída a este lugar⁹. Com efeito, ao conjugarmos o tipo e, sobretudo, a extensão dos vestígios romanos observáveis à superfície dos terrenos em redor da povoação¹⁰, com a sua localização numa área de possível entroncamento de vias¹¹ e também com a relevância que este local parece ter assumido no período visigótico¹² e durante todo o curso da Baixa Idade Média e Época Moderna,

da Beira, descoberta a cerca de 7 km de Açores, na igreja de Nossa Senhora dos Azares: cf. Maria do Céu Ferreira, Marcos Osório e Manuel Sabino Perestrelo, “Ara a *Amma* de Vale de Azares”, *Ficheiro Epigráfico*, 77, Coimbra, 2004, n.º 347.

⁷ Abascal Palazón, 1994, p. 323; e Navarro Caballero e Ramírez Sádaba, 2003, p. 139-140 e mapa 86.

⁸ Abascal Palazón, 1994, p. 85 e 329; e Navarro Caballero e Ramírez Sádaba, 2003, p. 100 e 144 e mapas 42 e 92.

⁹ João Carlos Lobão, António Carlos Marques e Dário Neves, “Património arqueológico do concelho de Celorico da Beira: subsídios para o seu inventário e estudo”, *Praça Velha*, 19, Guarda, 2006, p. 27-28, n.º 44 (= Lobão *et alii*, 2006) e Pedro C. Carvalho, “Há 2000 anos em Celorico da Beira (entre as encostas da Estrela e o vale do Mondego ao tempo dos Romanos)”, *Celorico da Beira através da História*, Celorico da Beira, 2009, p. 42-43.

¹⁰ Cf. Lobão *et alii*, 2006, p. 27-28, n.º 39 e 44 e António Carlos Marques, *A Ocupação Romana na Bacia de Celorico*, FLUC, Coimbra, 2011 (Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território, policopiada), n.º 40, 43 e 44 (= Marques, 2011).

¹¹ Sobre o hipotético traçado das estradas romanas que passariam nas imediações de Açores, cf. Marques, 2011, p. 55-56.

¹² Precisamente deste lugar conhece-se também uma importante inscrição visigoda: Mário Jorge Barroca, “A inscrição de Sta. Maria de Açores (666). Nova Leitura”, *Revista da Faculdade de Letras – História*, 2ª série, 9, Porto, 1992, p. 507-516.

não podemos deixar de atribuir particular significado – no quadro do povoamento romano conhecido entre a encosta noroeste da Estrela e o vale do Mondego – a este lugar de Açores. Significado que é agora decisivamente avivado pelo achado desta inscrição consagrada ao deus máximo do panteão romano¹³.

ANTÓNIO CARLOS MARQUES

JOÃO CARLOS LOBÃO

PEDRO C. CARVALHO



456

¹³ Um estudo mais detalhado desta inscrição, que procurará, sobretudo, integrá-la no quadro da presença romana entre o Vale do Mondego e a encosta noroeste da Serra da Estrela, será entretanto publicado na *Praça Velha* – Revista Cultural da Cidade da Guarda (n.º 32 – Dezembro de 2012).

PLACA FUNERÁRIA ROMANA DE MOURA
(*Conventus Pacensis*)

Placa funerária romana recolhida no meio de um enchimento recente, no castelo de Moura, aquando dos trabalhos de acompanhamento arqueológico do Posto de Recepção ao Turista dirigidos por José Gonçalo Valente, a quem se deve o achado.¹ Foi integrada no acervo do Museu Municipal de Moura.

De mármore do tipo Estremoz/Vila Viçosa, com forte pátina castanha-amarelada, encontra-se praticamente intacta, na medida em que apenas foi partido o canto superior direito, que, no entanto, se recuperou. Campo epigráfico rebaixado, envolvido por moldura do tipo gola directa, com ranhura exterior.

Dimensões: 55,5 x 86 x 15.

Campo epigráfico: 38 x 70.

¹ A placa foi encontrada no enchimento de um muro de cronologia medieval, devendo situar-se a sua construção na segunda metade do século XIV. Foi, justamente, o facto de a placa ter sido removida por uma máquina, durante a abertura de uma vala, no final da primavera de 2011, que motivou a interrupção da obra e a suspensão dos trabalhos.

M(arco) · N(umisio?) · CALVISIO · AN(norum) · LXX
 (septuaginta) / L(ucio) · N(umisio?) · APRO · AN(norum) ·
 XXXXI (unius et quadraginta) / AEMILIA · Q(uinti) · F(ilia)
 · ANVLLA · VIRO / ET · FILIO · M(arcus) · N(umisius?)
 · MAXVMVS / ⁵ PATRI · ET · FRATRI · F(aciendum) ·
 C(uraverunt) / R(ogamus) P(raeteriens) D(icas) S(it) V(obis)
 T(erra) L(evis)

A Marco Numísio (?) Calvíso, de setenta anos, a Lúcio Numísio (?) Apro, de quarenta e um anos – Emília Ânula, filha de Quinto, ao marido e ao filho; Marco Numísio (?) Máximo, ao pai e ao irmão mandaram fazer. Rogamos, transeunte, que digas: que a terra vos seja leve!

Altura das letras: l. 1: 5,5/5; l. 2: 5/4,5; l. 3: 4,5/5 (1º A = 5,5; 1º O = 4); l. 4: 5,5/5 (O = 4,5); l. 5: 5 (FC = 5,5); l. 6: 5 (R = 5,5). Espaços: 1 a 3: 1; 4: 0,8; 5: 1,2; 6: 1; 7: 2.

O texto encontra-se bem distribuído em altura: sente-se na terminação superior e inferior das letras a presença de linhas auxiliares (vejam-se os RR, os PP e os TT...); houve o cuidado de se fazer uma inteligente distribuição das palavras pelas linhas, de acordo com o sentido global do texto; daí, por exemplo, o aperto no final da l. 4 e a não-obediência a um alinhamento no começo de cada linha, a fim de permitir essa distribuição mais coerente. A pontuação é triangular, em jeito de prolongado acúleo, usada correctamente. Caracteres actuários, sem recurso a régua ou a compasso: M bastante largo; C mais amplo em cima que em baixo, levemente inclinado para trás; O ora ovalado ora bem circular; P fechado na l. 5, aberto na linha final; R feito a partir do P; V estreito, ou não, consoante o espaço disponível...

O facto de o gentílico ser identificado com sigla indicia tratar-se de família bem conhecida na comunidade, ainda que não nos seja possível garantir qual: apontámos a hipótese Numisius só porque se regista um *Sextus Numisius* em *Pax Iulia* (IRCP 245);² contudo, também poderia ser *Numitorius* ou *Norbanus*,

² IRCP = ENCARNAÇÃO, José d', *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984. [O número identifica a inscrição no catálogo].

este, aliás, um gentílico assaz frequente na zona de Cáceres e relacionável com *Norba*.

Os cognomes são bem latinos também, mas não muito frequentes na documentação epigráfica que pudemos compulsar. *Calvisius* como *cognomen* poderá, inclusive, ser testemunho único. Kajanto³ não o regista; apenas cita *Calvisianus*, da Sardenha (CIL X 7619), cujo pai, no entanto, se chamara *Antonius Calvisius* (p. 143). Schulze⁴ refere também a ocorrência do antropónimo *Calvisius*. É, aliás, *nomen* amiúde referido nos *Anais* de Tácito e no *De Bello Gallico*, de César (que cita *C. Calvisius Sabinus*).⁵ Desse *nomen Calvisius* aduz Abascal⁶ dois exemplos de Clunia, referindo-se um terceiro, de S. Esteban de Gormaz, à mesma pessoa citada em epígrafe de Clunia, *C. Calvisius Sabinus*, homónimo, por conseguinte, do agora citado. Regista-se, pois, uma singular apropriação, para *cognomen*, de um *nomen* comum, o que não deixa de indiciar uma cultura e um conhecimento da língua fora do vulgar.

De *Aper* ter-se-á somente uma dúzia de testemunhos na Lusitânia.⁷ Kajanto (p. 86 e 325) inclui-o entre os sete *cognomina* mais comuns inspirados na fauna, pois, como se sabe, *aper* significa ‘javali’: são quase 200 os testemunhos incluídos no conjunto do CIL.

E se o *nomen Aemilia* é assaz comum, inclusive na Lusitânia, com fortíssima concentração em Mérida,⁸ já do seu *cognomen Anulla* se pode dizer não ser nada frequente: Kajanto (p. 301) considera-o um possível diminutivo de *Anus*, «idoso», tendo-o

³ KAJANTO (Iiro), *The Latin Cognomina*, Roma, 1982 (reimp.).

⁴ SCHULZE (Wilhelm), *Zur Geschichte Lateinischer Eigennamen*, Berlim, 1966, p. 139.

⁵ HEp 10 2000 n° 296 perpetua, possivelmente, a memória de um neto deste cônsul do tempo de César, a quem foi erigido um pedestal em Cuenca. E, à excepção dos citados a seguir, são referentes a este senador, praticamente, os testemunhos do *nomen Calvisius* na epigrafia hispânica.

⁶ ABASCAL (Juan Manuel), *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Murcia, 1994, p. 106.

⁷ Cf. Milagros NAVARRO CABALLERO e José Luis RAMÍREZ SÁDABA (coord.), *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida / Bordéus, 2003, s. v. «Aper» (p. 94, mapa 30).

⁸ Cf. o *Atlas* citado na nota anterior, s. v. «Aemilius» (p. 74-75, mapa 6).

registado apenas em África como identificando um homem e quatro mulheres. Com o avanço dos estudos, podemos asseverar que de *Annula* temos, neste momento, nove outros testemunhos documentados na Península Ibérica, predominando na Bética.⁹

Maxumus é, como se sabe, *cognomen* latino muito corrente.

Estamos, pois, perante a placa, mui verosimilmente, de um jazigo de família, a mostrar a ligação entre uma família *Numisia* (?) e a *gens Aemilia*. Partiu da mãe a iniciativa de perpetuar a memória do marido e do filho e a ela se associou o outro filho (porventura, o mais velho). Ambas as famílias bem romanizadas e denunciando uma cultura fora do comum, nomeadamente se tivermos em conta a utilização, em sigla, de uma fórmula rara na epigrafia da Lusitânia: o pedido ao transeunte que diga «que a terra te seja leve».¹⁰

Gente bem latina; arriscar-nos-íamos até a chamá-los de colonos. E, tendo em conta a molduração e o tipo de letra, poderão apontar-se os meados do século I d. C. para a datação.¹¹

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

JOSÉ GONÇALO VALENTE

VANESSA GASPAR

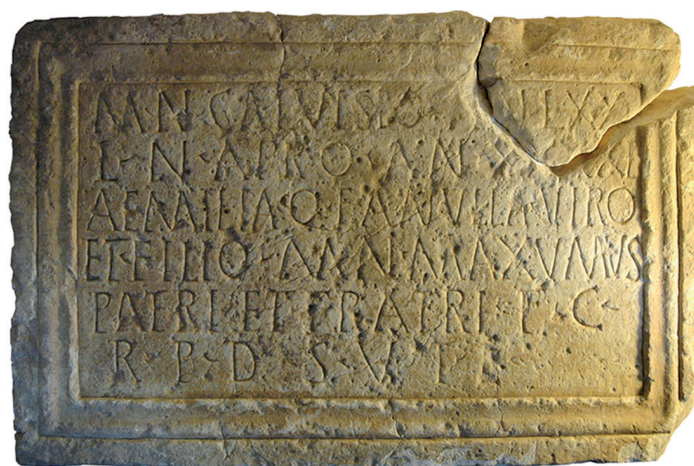
MARIA DA CONCEIÇÃO LOPES

SANTIAGO MACIAS

⁹ Vide <http://eda-bea.es/>, s. v. «Anulla».

¹⁰ O testemunho geograficamente mais próximo, também ele bem tocante do ponto de vista de doloroso sentimento familiar é da região de Elvas: os pais de Comínia Avita fazem ao transeunte pedido idêntico, pois haviam perdido a filha de... apenas nove anos de idade (IRCP 583). Aproveita-se a oportunidade para rectificar a interpretação que, nesses epígrafe, se deu das siglas T · R · P :: além de T(e) em vez de T(*ibi*), será igualmente mais verosímil pôr a forma verbal no plural – R(*ogamus*), como aqui – pois os dedicantes são o pai e a mãe e é na sua boca, certamente, que se pretende pôr o pedido.

¹¹ Agradecemos vivamente a Patrick Le Roux a prontidão com que nos comunicou os lapsos de leitura cometidos na 1ª versão divulgada deste estudo.



458-459

EPÍGRAFES ROMANOS DE AHIGAL (CÁCERES)

458

Fragmento de una estela de granito de grano fino gris oscuro y muy consistente, con inscripción romana, que se encuentra formando el suelo de la entrada de la iglesia parroquial de Ahigal.

Medidas: 32 x 24 x ?

[...] / ILIVS [...] / [...] CONCELT(*ius*) [---]/

La primera línea conserva *ilius*, que pudiera tratarse de la terminación bien de su filiación – *filius* – o quizás se trata de un nombre. Inclinandonos como nombre, correspondería a un antropónimo indígena en la onomástica lusitana, de entre los muchos que existen en los tratados consultados.¹

Conceltius: nombre que únicamente se atestigua en Lusitania, según Vallejo (p. 518-519) podría formar parte de los nombres compuestos, aunque con ciertas reservas. Paralelos los tenemos en Ibahernando (Cáceres) (AE 1990, 521) y en Belver (Gavião) (AE 1984, 471).

¹ VALLEJO RUIZ (José M^a), *Antroponimia Indígena de la Lusitania romana*, Vitoria-Gasteiz, 2005, *passim*.

Ara localizada hace ya varios años, en la zona denominada “Las Canchorras”, donde se documentaron en su día otros hallazgos epigráficos y el conocimiento de los restos de distintas épocas. Esta ara formó parte del fondo histórico del Museo de Ahigal. Actualmente se conserva en un almacén de la Asociación Amigos de Ahigal.

Ara de granito de grano grueso, muy desgastada hasta el punto que hoy es totalmente imposible reconocer alguna de las letras que tuvo este monumento. Su decoración en la parte superior está compuesta por cornua y foculus. La base tiene moldura simple, muy desgastada.

Medidas: 0,68 x 0,32 x 0,28.

JAIME RIO-MIRANDA ALCÓN
M^a GABRIELA IGLESIAS DOMÍNGUEZ



458



459